

Entrevista com Salvador Soares dos Santos

Data: 26/07/95

E. Seu nome completo é?

S. Salvador Soares dos Santos

E. O senhor nasceu em que data?

S. 25 de abril de 1916.

E. E o senhor nasceu por aqui mesmo, sempre nesta região?

S. Sempre, sempre

E. Sempre nesta região do Navegantes. Seus pais eram daqui mesmo de Porto Alegre?

S. Eram de Taquari, parece.

E. Taquari

S. Meu pai era de Taquari.

E. E vieram pra cá?

S. É.

E. Certo. Sua família, seu pai tinha que tipo de ocupação?

S. O meu pai era carpinteiro. O meu avô vivia de caça era caçador.

E. Seu pai era carpinteiro estabelecido aqui também?

S. Aqui também.

E. Ele tinha uma carpintaria própria ou trabalhava?

S. Não ele era construtor, construía casas.

E. Autônomo?

S. Autônomo.

E. E vocês moravam aqui...

S. Na Frederico Mentz. Nasci ali e me criei ali na Frederico Mentz.

E. A sua família veio pra cá em que época mais ou menos? Seu pai?

S. Essa parte aqui eu...perdi perdi...eu me criei com os avós...(?)...

E. O senhor é o mais velho dos irmãos?

S. É eu sou o mais velho.

E. O senhor disse que trabalhou no Renner.

S. Trabalhei.

E. O senhor começou a trabalhar com que idade, em que período?

S. Na fábrica Renner?

E. É desde ...o senhor teve algum emprego anterior ao Renner?

S. Sim Eu trabalhei na fábrica de meia eu entrei com 14, 13 anos. Comecei a trabalhar na fábrica de meia na Voluntário da Pátria hoje é(?) ali eu comecei a trabalhar com 13 anos.

E. Certo e o senhor com essa idade fazia o que na fábrica?

S. Era... tinha umas máquinas pra enfiar os....das meias e eu ...(?) aí eu trabalhei até uns 3 anos ou 4 na fábrica de meia depois eu saí e comecei a trabalhar numa casa de comércio que tinha na Frederico Mentz..... (?) Depois passei pra fábrica Renner e ali fiquei 14 anos.

E. Em que setor o senhor trabalhava?

S. Tecelagem. Primeiro na Renner eu comecei na secção de capas mas lá ouve um negócio eu cortei uma mão com uma serra assim que cortava as capas eu trabalhava assim com uma

máquinas...passei pra tecelagem. Da tecelagem eu saí e vim trabalhar na Frederico Mentz. Abri um barzinho ali.

E. Aí o senhor se estabeleceu com o bar?

S. E aí fiquei 24 anos trabalhando.

E. Esse tipo de acidente, por exemplo, que aconteceu com o senhor, ele era muito comum? Acontecia com muita frequência?

S. Não. Uns cortes pequenos. Mas justamente isso foi época de carnaval e eu dançava muito e fiquei e comecei a dançar numa Sexta-feira e dancei até o carnaval, brincando, dançando e quando foi Quarta-feira eu fui trabalhar...e eu todo...a máquina eu tive sorte de não cortar a mão fora porque a máquina estava meio estragada, às vezes ela parava na capa mesmo, a gente fazia aquele monte de capa 15, 16 capa uma em cima da outra a fazenda se riscava e se ia cortando e na hora um pedaço de fazenda caiu fora e eu puxei ele e quis passar na máquina e puxou a mão... mas não era sempre que acontecia aquilo...mas aquilo foi brabo eu comecei a trabalhar sem saber corte e então eu pedi pra trabalhar na tecelagem e da tecelagem eu saí...

E. Trabalhando no tear mesmo?

S. É

E. O senhor entrou no Renner em que ano?

S. Eu saí em...não recordo de muita coisa...

E. Eu estava pensando o senhor falou que começou com 13 anos depois...

S. ...depois eu passei pro...em 31 em 31 eu entrei no Renner.

E. Em 31 o senhor entrou na renner, 31 mais 14 até 45 mais ou menos? Até pelo fim da guerra por aí...

S. Isso, exato. Na enchente de 41 eu ainda trabalhava na Renner. Já ouviu falar na enchente de 41?

E. Sim.

S. Justamente eu não tinha pai (?) eu tinha minha casinha, essa enchente de 41, com essa enchente de 41 ela ficou só a cumeeira assim em cima de fora eu tinha a minha sogra ao lado, nós ficamos morando no forro da casa na enchente... a minha sogra tinha uma madeireira lá e nós tinha um bocado de madeira e eu ajudei e a gente ficou lá eu e mais três cunhado ficamos ali pra cuidar um pouco. Pra cuidar. Eu passei um bocado de trabalho, eu trabalhei de pescador também; pescador profissional só que não existia a profissão né, tinha a gasolina e viajava assim...vendia muita mercadoria aí pra cima também, eu e um compadre nós tinha uma gasolina em sociedade...

E. Gasolina que o senhor diz é uma dessas....

S. Gasolina grande que tem aí...

E. Sei mas o que é uma gasolina? (Risadas)

S. É um barco bem grande a gente chama de gasolina.

E. Barcos grandes desses

S. De carga.

E. O senhor tinha um barco era proprietário?

S. Tinha, tinha barco, tinha canoas de um pau só, nunca viu?

E. Sei sei, aquelas que os índios usavam...*cumprida*

S. É isso, eu tinha... 1 metro e meio de altura, madeiras, paus que a gente nem sonha a fazia a canoa e eu tinha uma canoa dessa... tinha uma outra pequena com motor de popa e tínhamos essa gasolina grande que era pra carregar carga botava aí vinte e trinta saco de mercadoria e...

E. Transportava/

S. Transportava, vendia pra essas granjas aí, não tinha essa ponte ainda e o transporte era tudo por água... gasolina... então eu viajava com a minha gasolina. Chegava nas granjas e faziam os pedidos

E. Nas granjas aonde?

S. Nessas granjas de rios aí... eu ia até o Jacuí

E. Jacuí?

S. É, Taquari, Caí, isso tudo era rio que eu entrava e a gente vai se esquecendo. Depois que eu parei de viajar é que eu fui trabalhar no meu bar. Com 24 anos eu tive que parar porque o bar tinha muito movimento e eu não podia cuidar...? Mas eu ia até a granja Carola até lá... no Esteio da Charqueada conhece? Eu ia até lá, eu fui só uma vez até lá. Eu ia e voltava e visitava as granjas cada pedaço tem uma granja então a gente chegava ali e fazia os pedidos de mercadoria: o cara queria dez caixas de cachaça, dez caixas de vinho, tinha cerveja e eu vinha carregava o barco e subia e fazia as minhas entregas.

E. Isso foi entre a época que o senhor trabalhou no Renner e a época que estabeleceu o bar?

S. É. Saí da Renner pedi indenização e eles me deram e eu abri o meu barzinho.

E. Então o senhor fazia o transporte no rio na mesma época que tinha o bar?

S. É.

E. Então como o senhor fazia em termos de horário?

S. Ah, saía na Sexta-feira.

E. Ah então Sexta-feira o senhor fazia as entregas? No fim de semana fazia esse trabalho?

S. Isso esse serviço extraordinário.

E. O capital, por exemplo, o recurso pra poder adquirir esses barcos o senhor tinha de alguma herança da família?

S. Não, não. Começamos com este meu cumpadre. Foi ele que comprou a gasolina e eu conhecia aí os rios todos era pescador...

E. A partir de poupanças de economia que você faziam do próprio salário?

S. É. Foi comprando, compramos uma gasolina pequena depois aumentamos...

E. Então era um negócio que dava bastante?

S. Lógico, não tinha dúvida nenhuma rendia essas viagens que a gente fazia e depois então eu fui obrigado a parar, justamente por causa do meu bar, abri o bar e o bar tinha muito movimento. Ali as transportadora que tinha e que trabalham até hoje.

E. Qual?

S. Transportadora Iglesia. Essa aí eu estou trabalhando já há 24 anos com eles. Agora está meio parada a coisa(?)... praticamente está falida 24 anos sem nada assinado sem carteira sem nada. Fiquei esperando essa semana eles ficaram de resolver alguma coisa... eles venderam tudo o que tinham nada eles tem mais, até o prédio que era deles um grande que era do velho mesmo o Iglesia mesmo ele já vendeu deixaram pra pagar aluguel mas não deu certo deram com os burros na água.

E. É está uma época difícil né quem não consegue administrar acaba fechando.

S. Estão fechando. De formas que é isso aí. O Navegantes essa... aqui onde estou morando isso no tempo em que eu pescava nesse meio eu sempre estava pescando eu tinha a minha carteira profissional... (?) a gente mentiu que era pescador morava mesmo onde eu morava nos fundos e ele então tinha banca no mercado o peixe que eu pegava eu pescava e dava pra ele levar pro mercado... isso aqui tudo, não teve canto nessa fazenda aqui isso aqui era uma fazenda dos Antérios...

E. Ah aqui que era a fazenda dos Antérios? Já ouvi falar

S. É a fazenda dos Antérios, aqui tinha madeiras que dava pra fazer canoa dessas que a gente via os caras levar (?) se eu mostrasse a canoa que eu tinha eu nuca tirei fotos da canoa que se chamava de um pau só tem gente que nunca viu uma madeira aí precisa de 3, 4 homem pra abarcar ela aqui tinha madeiras tinha tinha Timbaúvas

E. Tudo foi sendo derrubado pra...

S. Foi eu ajudei aqui a fazer linha de... naquele tempo de guri fazer uns feixinhos de lenha assim... muito longe alguém vai encontrar algum... a gente cortava a madeira mais fina a polpa cortava com o facão com a machadinha e ia fazendo feixinho de lenha..... eu ajudei o pessoal a fazer feixe de lenha naquele tempo não pagavam nada

E. Isso quando criança ainda?

S. Sim, era guri fazia cem feixinho de lenha pra ganhar um mil réis, no tempo do mil réis... 2 mil réis talvez o senhor nem visse

E. Não, eu vi porque meu bisavô era dessa época

S. 2 mil réis, 400 réis... então a gente fazia isso cem feixinho de lenha e carregava. Então não teve canto nesta fazenda que, aqui mesmo, às vezes, passa pessoas e começa a conversar... essa água não é nada isso aqui eu pesquei nessa fazenda toda não teve um canto dessa fazenda aqui que eu não pesquei de espinhel e de rede e peixe se pegava peixe que não era brinquedo, a água tomava conta não tinha esses diques não tinha nada aí o Guaíba descia e tomava conta de tudo e o peixe então entrava nesse banhado a dentro aí.

E. Se espraava.

S. Nós temos árvores aí do tempo da fazenda aqui nessa direção aí tem uma lá na rua que vai pegar ônibus tem uma árvore que ainda era do tempo da fazenda, uma enorme de uma árvore.

E. Quer dizer que foi muito desmatado na verdade, derrubaram muito?

S. Ah... aí começaram a fazer lenha.

E. Lenha e essas madeiras eram usadas pra canoas, para embarcação...

S. Não, não, não. Essa fazenda era tudo pra indústria pra lenha

E. Caldeiras

S. Mas, pras caldeiras mais do que pra caldeiras era pra viação férrea. Agora naquela enchente de 41 foi coisa muito triste isso aqui, barbaridade! Aqui a gente não tinha ninguém ficava sozinho praticamente eu tinha eu e mais três cunhados que ficamos cuidando da casa e ao lado tinha os guardas que eram da madeireira do Gerdau, eles tinham muita madeira que vinham pelas balsas e essa madeira os guardas tinha que ficar cuidando, eram toradas de madeira pra fazer móveis é de do ... o nome da madeira é açoita cavalo(?) que eles fazem esses móveis tudo

E. Esses vergados?

S. É, a única madeira que fazia o vergado, então a gente passava lá, tinha um pavilhão lá muito grande ao lado minha casa... tinha o campo do Gerdau então ali a gente ficava ali comendo galinha da vizinhança, o pessoal deixava porque dispararam e foram tudo embora e o que ficou o pessoal ia comendo...

E. E foi longa a enchente, durou muito tempo a enchente.?

S. Foi longa. Pra começar, começou 15 dias chovendo sem parar, mas chuva. Não era chuvisqueiro. E chove muito nas cabeceiras de rio e aí a água começa a descer vem vem chega aqui o vento ataca, eu vou dizer uma coisa quando começou a parar essa chuva e o rio começou a baixar aí sim dava medo, porque subia a água assustadoramente então o povo foi lá pro morro do Menino Deus que meu cunhado tinha chácara lá então a turma foi prá lá, passaram lá ficaram uns 25 dias eu acho lá .

E. E as indústrias também alagaram?

S. Ah sim eu até me arrependi por que eu não fiquei trabalhando vim pra casa pra não fazer nada e ali na fábrica Renner podia ficar trabalhando porque lá pra cima tem dois andares. Então o pessoal aquelas fazendas que molhou tudo embaixo tinha que esticar lá em cima pra secar, então ficou muita gente trabalhando e eu podia ter ficado trabalhando lá uns 15, 20 dias mas no fim não, fiquei em casa sem fazer nada.

E. Ilhado?

S. Ilhado sem ganhar nada. Eu pegava o meu barco e em fim de semana eu ia lá na Benjamin Constant , não sei tu conhece a Benjamin Constant (huhuhu) encostava o barco lá na Benjamin Constant e

E. Tudo alagado daqui até lá?

S. Tudo, era um rio só a gente tinha que estar se cuidando desses fios de luz aí... na Frederico Mentz aqui nós estava porque nós subimos no forro da casa pusemos uma tábua e aí ficava e aí de repente vinha aquele embalo tchum tchum eram aqueles vaporzinho que tem aí quando vem um grande pra levar pra levar petróleo aqueles petroleiro entra aqui a aqueles vapor da beira do porto do cais..... que coisa incrível .. o cara caía na água morria afogado.

E. E , por exemplo, provocou muita doença depois dessa enchente?

S. Isso aí sabe doença em criança teve muita porque as friagens até que vai secar tudo era uma calamidade esse Navegantes, aqui era tudo aquelas pedrinhas na ruas não tinha calçamento não tinha nada, então aquilo pra recuperarem custou uma barbaridade, e água passava precisava ver essa Viação Férrea tinha muita madeira, geralmente o que queimava as máquinas, aquilo passava aquilo assim, aquelas camadas de madeira era só a gente abrir um pedaço, como eu abri na frente da minha casa um portão grande e a madeira ia entrando e eu fechava e quando terminou a enchente eu tinha um cerro de lenha. Justamente ia tudo embora a gente chegava lá ia até o fundo a minha casa o terrenozinho tinha 145 metros de comprimento.

E. Grande em?

S. Mas era estreito era 6,60 metros por 145 metros e nós tinha uma porção de casa e a gente ia lá e não dava pra sair fora porque a água vinha com muita força e a gente só via passar aquelas metades de casas, madeiras assim.

E. Sua casa era na própria Frederico Mentz?

S. Na Frederico Mentz

E. Mais ou menos em que altura?

S. Era lá na Nestlé, a Nestlé que comprou, o campo do Gerdau o campo de futebol e o meu bar era ao lado, o meu terrenozinho e isso aqui todo era o campo de futebol e essa parte aqui era o meu terrenozinho aí eu aproveitei quando o Gerdau vendeu o campo pra Nestlé e eles foram pra cima pra comprar aquele pedacinho e eu aproveitei e vendi foi quando eu saí e comprei uma casa na Baltazar de Oliveira e comprei uma casinha na praia também. E aí foi indo trabalhando com a transportadora me contratou porque eu tinha trabalho esse tempo eu já tinha (?) e a transportadora me contratou pra trabalhar com eles e fiquei trabalhando até...ainda sou funcionário deles né, eles ainda não me disseram não precisa vir mais. Amanhã é dia que ainda vou lá...ficar em casa..

E. Vou lhe perguntar mais em relação a época do Renner, a época que o senhor trabalhou no Renner como era o regime de trabalho? Trabalhava com horário fixo?

S. Sim, era das 7 às 11 e meia e da 13:00 às 5 e meia .

E. E o ritmo de trabalho o volume de produção que era exigido era muito intenso, muito puxado?

S. Não, ali a gente que é tecelão quem trabalha é a máquina, não é mesmo? a gente só está cuidando ali não pode cair fora da máquina, porque se arrebenta um fio facilita e enrola um monte de fio que arrebenta então você tem que estar na expectativa. Isso é a única coisa. Se eu pego uma fazenda, digamos uma fazenda boa aquilo você pode sentar e deixar o tear trabalhar, aquilo é uma beleza.

E. É só controlar?

S. É só cuidar, o negócio é cuidado ali. Um serviço muito bom.

E. E o salário, por exemplo, como era? Dava condições de sobreviver, no seu caso o senhor tinha outras rendas.

S. Não, dava, dava sim. Nesta época justamente que eu trabalhava na Renner eu , às vezes, eu mesmo procurava jeito de quebrar o tear e chamar os mecânicos ali tinha um monte de peças ali e quebrando numa Sexta-feira que era poder viajar não é, uma viagem dava quase uma quinzena toda, tinha que trabalhar uma quinzena pra tirar o que eu ganhava em dois dias viajando com a mercadoria e é isso né o serviço era cuidar do tear era por peça.

E. Era por peça? Por produção?

S. É por produção, conforme você fazia você ganhava o relógio ia marcando, tantos dias 20, 30, 40 dias...aquilo na quinzena eles faziam os cálculos.

E. Pagavam pela produção também. Então ficava sujeito a oscilação, por exemplo, quando tinha mais encomenda mais demanda tinha mais serviço?

S. Tinha 200, 300 tear trabalhando né sempre sempre sempre tinha serviço não falhava nunca. Mas eu gostava mais de trabalhar no rio viajando, na minha gasolina, passando trabalho, passando trabalho porque lá eu passava trabalho no rio viajando. Viajava temporais aí tinha que encostar nas beiradas que eu conhecia, preparava um temporal do sul ou do norte que fosse se era daqui do leste que dava ventania não tinha importância era de popa mas, às vezes a gente vinha vindo e tava se armando temporal tinha que encostar e amarrar a gasolina, amarrar o barco né e esperar passar. A gente passava trabalho com

chuva no inverno arrebentar uma hélice do barco a gente tinha que mergulhar embaixo pra tirar e botar outro pino porque a else é com pino se pega uma madeira uma coisa ela rebenta o pino e a else fica virando o motor dispara e fica solto a gente então pára o motor e é obrigado a encostar numa beirada e ir embaixo pra botar outro pino e seguir viagem. Gostava de passar trabalho do que ficar trabalhando na fábrica.

E. Mas dava mais retorno?

S. Justamente, até que eu achei melhor fazer achava que a gente trabalhar por conta da gente seria muito melhor. Eu parei com a Renner eu pedi pra sair já tinha uns 14 anos e eles já estavam indenizando muita gente lá e eu falei com eles lá e me deram uns trocado.... tinha um porteiro lá o Afonso, falecido, já é morto também e ele me chamou e me disse: - Salvador, você não está gostando muito de trabalhar aí? Faz um acerto com os homens aí. Sabe que eu queria mesmo e aí eles me chamaram lá e eu fiz um acerto com eles, foi quando eu aproveitei e abri meu barzinho e comecei a trabalhar lá, larguei o rio, a pescaria. Não tinha canto desses rios aí, Taquari, Cai, Rio dos Sinos que é esse aqui que vai para São Leopoldo, esses rios todos eu conhecia a palmo. Mas aí eu parei com tudo vendi a gasolina..paramos..

E. O bar valia mais a pena do que..?

S. Sim, o bar tinha muito movimento.

E. Muito movimento.

S. É.

E. O senhor em 1930 o senhor estava...tinha saído dessa fábrica de meias antes de ir pro Renner

S. É é tava na fábrica de meias

E. O que o senhor recorda assim de quando o senhor era jovem ainda da Revolução de 30 o que mobilizou, que tipo de influência que teve na vida das..

S. Isso é uma parte a gente que é novo assim e principalmente tem pouco estudo

E. Não se interessa?

S. ..não se interessa muito por essa coisa né, porque nesse período eu tinha menos idade um pouco eu até trabalhei na rua dos Andradas, porque o pouquinho que eu aprendi e o pouco que aprendi foi trabalhar por minha conta e o que aprendi foi assim a minha custa, minha custa mesmo. Mas eu tive trabalhando com um parente meu na ruas dos Andradas e foi justamente quando arrebentou a Revolução aí e tal e eu até vim meio corrido lá do centro, era bem perto do Quartel General, na rua dos Andradas vim meio corrido pra casa e pessoal.. só dava gente correndo lá era tiroteio lá. Então eu a lembrança que eu tenho eu esqueço aí dessa coisa eu vim com muita pressa tinha bonde, não tinha ônibus não tinha nada só bonde, só não peguei os bonde puxado a burro.

E. A Maxambonga

S. É os bondezinhos vinha cheio com o pessoal correndo da cidade é a única coisa que me lembro a gente só queria trabalhando e viver...nesse tempo ainda era vivo o meu avô, os dois o velho e a velha, minha avó morreu com 105 anos

E. Nossa! 105 anos.

S...105 anos e meu avô com 95, o homem foi primeiro ele passa mais trabalho

E. 95 já é um bocado. Já é bastante

S. Já vou pros lados dos 80, 79

E. Às vezes é da família durar bastante tempo. Né

S. É isso é...o velho era caçador e eu já tenho ido fazer check up o médico olha minha pressão 12 por 8, sua pressão está melhor que a minha, de guri, de jovem. Tudo bem doutor o negócio é o seguinte eu me criei comendo carne de capivara, eu digo pro doutor, capivara é uma carne espetacular, o óleo de capivara até hoje existe. Então não precisa me dizer mais nada...o meu avô estava olha digamos se vendia muito óleo de capivara e às vezes eles e traziam a capivara tavam tirando o toicinhozinho assim, não era muito...

Lado 2 – Entrevista com Salvador S. dos Santos

.....a gente derreter e engarrafava, a coisa mais linda. Eu estava ali , meu avô, a farinhazinha, o salzinho, torresmo de carne de porco, de carne de capivara faz muito tempo que eu não comia, mais ou menos faz uns 4 meses, fazia muito tempo que eu não comia carne de capivara um camarada me trouxe um pedacinho. Eu disse pra eles quando vocês arrumarem capivara, guarda um pedaço e manda, um amigo que eu tenho na Vila Vasconcelos e ele mandou. Mas eu comia muita carne de capivara.

E. Mas hoje em dia é coisa rara?

S. Existe muita mas não pode se caçar. Já viu uma capivara viva?

E. Huhuhu, é porque ela procria muito né.

S. Esses tempos estava passando na teve aí tava cheio de capivara num banhado bravo, uma água brava, as capivara não sei como não morriam ali...uma coisa de louco. Mas então eu comi muita carne, é uma maravilha, ela só come capim é que nem uma vaca, é só capim, não come porcaria nenhuma, nada nada nada absoluta, mas eu comi muita carne de capivara, mas comi muita mesmo. Agora andava parado porque os caçadores é pouco, aí pra fora, por sinal estive numa festa na semana passada, um rapaz que trabalha aqui...? E ele tem uns amigos aí numa fazenda aí pra fora, e assam, escondidos mas assam...(falando baixinho)

E. Então além de pescar o senhor caçava também?

S. Não, caçar não. Não. Só, exclusivamente pescaria que eu gostava. Até nem sei

E. Agora a caça era bastante praticada por aqui, tinha

S. Ah tinha, muitos caçadores. Eu tinha um tio que só vivia de caça de família, porque era proibida a caça. A caça era proibida de capivara, lontra, o ratão..

E. O senhor diz que seu tio vivia de caça, ele vendia a carne depois? Pele?

S. Eles vendiam eu não, meus tios, meus avós que eles viviam disso.

E. E aqui nessa região mesmo?

S. Ali mesmo onde eu morava na Frederico Mentz e tinha aqueles judeus que vinham comprar o couro de jacaré, eles pegavam e vendiam o couro de jacaré, couro de capivara, de ratão, lontra. Lontra é uma coisa que é proibido mesmo, deus me livre, O que custava mais caro mesmo era o a lontra que tem um pelo que é uma maravilha, uma seda coisa mais linda

E. Pra casacos?

S. É, aquilo era caríssimo, a lontra. E então eles viam de noite aqueles judeus que eram tudo conhecido deles eles chegavam de noite com o carro, e levavam os couros de ratão, couro de capivara, se tinha uma lontra levavam e o jacaré eles vendia tinham firmas que compravam porque faziam muito, até sapato de couro de jacaré e fazem até hoje e tem lugares aí que eles caçam e vendem nas fábricas, indústria eles vendiam muito. Justamente aqui nos fundos onde passa o dique que aqui era o Saco dos Antérios, o nome. A Fazenda dos Antérios então tinha uma ressaca grande aí e depois eles abriram o rio e ele saiu lá no rio da Aldeia, atravessam os vapores aí porque não precisam fazer a volta lá atrás e aí já entra no rio e vão descarregar na ponte, na ponte nossa que tem aí, descarregam, carregam adubo. Então era isso aí

E. Deixa eu fazer uma pergunta o tempo que o senhor trabalhou na Renner, o senhor lembra de greves que tenham ocorrido da atuação de sindicatos?

S. Nessa época nunca, nunca, durante o período que estive trabalhando lá nunca houve uma greve no Renner né.

E. No Renner?

S. No Renner né, às vezes se ouvia falar de tal firma entrar em greve, de caminhoneiro, mas isso era pouco não era um movimento intenso como hoje. Eu nunca esqueço aqui na Frederico Mentz ao lado da minha casa tinha uma madeireira dos Tramontina, esse homem, tinha um carrinho 28, barbaridade era o Seu Tramontine justamente eu... a filha dele... quem tem um carro Tramontine o Tramontine um carrinho 28, barbaridade seu Tramontine eu nunca me esqueço, porque carro era muito pouco, caminhões era muito pouco, e greve a coisa era mais parada né a gente só ouvia rumores, digamos um quilo de feijão custava 200 réis passava pra 300 barbaridade o pessoal abria uma boca, - pomba já subiram um tostão no quilo de feijão que coisa séria.

E. Causava revolta?

S. É, é, o pessoal já ficava indignado, um quilo de arroz de 300 réis passava pra 400 o pessoal chiava uma coisa de louco um tostão que subia.

E. O senhor com o bar, quer dizer convivendo com e no meio das várias fábricas chegou a conhecer pessoas que envolvidas com sindicato que participavam?

S. Não, não

E. Não?

S. Não, eu nunca me esqueço do meu pai quando comecei a trabalhar uma caixa de fósforo custava 200 réis, logo no início quando comecei a trabalhar, e vendia por 300 réis uma caixa de fósforo o pessoal vendia uma caixa de fósforo um tostão a mais, os caras bateram e multaram em 25 mil réis e tive que pagar aquilo ali,

E. Um prejuízo?

S...uma barbaridade pra mim aquilo ali foi um baque por causa de um tostão, e não teve jeito, mas paguei em prestação a Associação tinha uma Associação tive que pagar isso não esqueço também, tem coisas que fogem outras vem a gente esquece

E. Muito tempo né?

S. Muito tempo, a cabeça dá branco, foge a gente esquece de uma coisa de um assunto que passou com a gente naquela época mas não vem dá um branco, às vezes a gente está

conversando e foge. É isso aí. Mas sobre sindicato e essas coisas nem lembro, deveria ter é claro, mas eu não tenho lembrança.

E. No caso do Renner mesmo era um fábrica que o sindicato tinha dificuldade de entrar, pois era considerada uma fábrica que tinha salários bons, você conhece

S. Justamente

E. Era difícil pra entrar. Até parece que houve uma tentativa em 34 ou 35 quando houve uma greve em outras tecelagens, parece que tentaram parar o Renner e não conseguiram, porque

S. era muito forte, o Renner era muito forte

E. ...e muito controlado também o controle da..

S. Aquilo ali era incrível o Renner, o seu AJ Renner, ele 7 horas ele passava parecia que era máquina todo dia o velhinho passava, em todas as sessões a gente sentia, deus o livre que ele não passasse um dia ali a gente já sentia uma,- o senhor AJ Renner não passou pra cumprimentar todos os seus empregados. Agora tinha uma coisa, -se ele passava no seu tear, digamos e o tear estava parado ou estava trabalhando e o senhor não estava na frente, bah ele queria saber por que, que estava trabalhando e o senhor não estava na frente ele queria saber por que não estavam na frente do tear, tecelagem é uma fábrica que quando a gente pega uma fazenda boa pra trabalhar aquilo é tchec tchec tchec se caso rebentasse um fio a lançadeira voava e aí o tear para. Automático mas ele queria saber e já passava na sessão do chefe de tal tear queria saber por que seu Salvador não estava na frente do tear, seu Pedro, seu Manoel

E. Controlava muito?

S. Ele tinha... mas era assim mas era uma pessoa que passava todos os dias e a gente sentia falta dele...ele depois se acidentou e não andava, ficou no hospital muito tempo caiu do carro(?) e quebrou uma perna então ele usava uma bengalinha, com aquela bengalinha mesmo depois que ele ficou bom com saúde ele andava com aquela bengalinha, sempre sempre. De repente o velho apitou (...?) o Renner se foi a pique. Deixou pros filhos e os filhos ..é ..é

E. No Renner mesmo havia muitos trabalhadores imigrantes né de várias nacionalidades? Na tecelagem, por exemplo tinha de várias..?

S. A tinha, tinha muita gente, de várias nacionalidades. Numa ocasião veio, chegou na vizinhança aí até daqui do Navegantes nós fomos ver eles os familiares tudo no trem, naqueles vagão de trem, nunca me esqueço foi quando ainda tinha meu bar ainda eram polacos, russos, então lá pegou muitos e muitos a gente via aquele pessoal a Renner deram serviço logo em seguida assim que chegou eles deram serviço pra eles, é gente trabalhadeira. Eles trabalham mesmo né. E eles sentavam, apitava onze e meia e eles iam pra frente e compravam uma bananinha, um pãozinho e ficavam comendo a banana com pão era a comida deles ficaram trabalhando uma eternidade saí ainda tinha polaco trabalhando.

E. Como era a convivência entre esses trabalhadores de várias línguas diferentes?

S. Eles botavam em setor diferente né, por exemplo se tinha alemão que falava...depois devagarzinho eles foram entrosando entrosando, quando eu trabalhei com meu pai lá em (...?) frente do meu bar,(?)... tem uns polacos aí que são dono de uma frota imensa de

ônibus então eles começaram com o carro 15, dois polacos. Com o carro 15 eles paravam na frente do bar para esperar o horário, se era hora de meio dia o velho que era o dono da empresa do ônibus chegava lá e comprava uma laranja, ou um pãozinho ou uma banana, tinha que ser duas coisas, ou um pão e uma banana ou um pão e uma laranja, ia pra dentro do ônibus come. De manhã era a mesma coisa, o filho ainda tomava uma taça de café com pão e manteiga e o velho era uma banana e um pãozinho, então tinha, nunca esqueço, tinha o chofer deles era de Cananéia, Tuca tá na hora Tuca Tuca Tuca tá na hora comia aquele pãozinho e ia trabalhar.

E. E no bairro mesmo que tinha todos esses poloneses, russos, alemães, como era a convivência? Tinha algum tipo de rixa, conflito?

S. Não, não, não eles são... (?) muito bacana que vem trabalhar no país do outro e quer procurar amizade quer procurar ta ir compreendendo e de fato assim...mas como eu estava lhe falando desses ônibus, desse pessoal desses polacos eu fui cobrar agora nesse setor de trabalho que eu tinha que era só cobrança e eu cheguei na empresa de um deles, com essa que faz aqui Canoas... não sei o nome da empresa... Gaúcha... e eu fiquei até meio encabulado, porque o dono ele existe ainda, eles eram uns rapazes novos ainda e báh vem cá vem cá pessoal vem cá quero apresentar aqui um amigo meu que eu chegava lá e pedia um cafezinho e nem pagava eu ia embora e ele nem me cobrava... eu fiquei até meio assim... me deu um monte de caneta... fiquei encabulado... báh esse homem aqui, barbaridade, pergunta pra ele o que meu pai comia lá no bar, eu tomava um café uma taça com pão e manteiga e meu pai...

E. Até hoje

S. Eles não se esqueceram também... o Alexandre disse o da empresa ele disse pra mim: '- eu queria que meu pai fosse vivo hoje pra ele ver o que eu tenho hoje uma frota de carro que eu tenho umas quantas linhas de ônibus que eu tenho, uma frota de carro.' Vai ver se brasileiro faz isso. Brasileiro não faz isso não. Não passava com uma laranja e um pãozinho e uma banana, não. Brasileiro quer comer, por isso que eles... (?) (risadas)

E. Me diga uma coisa assim em termos de política, talvez o senhor até mais.. não na época da fábrica mas na época do bar que o senhor tinha, como era o pessoal os trabalhadores, os moradores do bairro tinham interesse grande em política, discutiam?

S. Discussão sempre existia, um era Getulista, outro.. essa coisa... do governo que tinha a discussão sempre existia, Brizola, eu sempre fui brizolista, sempre fui né. Agora não interessa mais nada... as idéias que tinha vai se acabando.. (?)

E. E na época do Getúlio, desse primeiro governo do Getúlio foi bem a época que o senhor trabalhou no Renner em 30/quarenta e poucos e tal, como era a visão dos trabalhadores do pessoal em relação ao Getúlio?

S. Era Getúlio e não tinha nada, não queria saber de mais nada, de conversa, diziam que era o pai dos pobres... diziam..

E. E não tinha grupos contra o Getúlio?

S. Não, isso sempre existiu tinha aqueles que diziam 'que Getúlio coisa nenhuma isso não faz nada pra ninguém' quem contenta o povo né? Não tem não tem, não tem governo não, ainda está pra nascer quem vai contentar o povo. Vê esse nosso presidente... (?) já estão contra, acha que não vai dar certo a coisa.

E. Por exemplo, nesse período o senhor lembra se havia uma grande popularidade, o pessoal simpatizava muito com o Prestes, por exemplo, que era uma grande liderança comunista?

S. Ah isso na nossa própria sessão na tecelagem nós tinha aqueles fanáticos do Prestes, ah tinham ah eles se reuniam lá

E. Dentro do próprio Renner?

S. Dentro da própria fábrica mesmo se reuniam ali num canto ali e iam discutir sobre política, mas comunista tinha de montão. Esses polacos mesmo, essa polacada que vieram pra trabalhar, russos, ah tinha muitos que eram comunistas pegavam aquele turminha que era do Prestes e se reuniam ali e faziam...com o senhor fazendo a pergunta a gente se lembra de alguma coisa..

E. Isso é, eu até entrevistei algumas pessoas que eram ligadas ao Partido Comunista.

S. É tinha muitos tinha muitos que eram ligados ao Prestes.

E. E o senhor lembra na época, durante o Governo do Getúlio, especialmente do Estado Novo chegaram a prender vários comunistas

S. Isso é

E ...o senhor chegou a acontecer com alguém que o senhor conhecesse ou que trabalhasse no setor, que tivesse sido preso pela..

S. Lá não,

E. Não?

S. ...eu tinha meu bar aí nessa transportadora Iglesia que e um que fugiu pro Uruguai que era nosso companheiro da transportadora Iglesia, eu esqueci o nome dele... Uruguai...o Brizola também fugiu pra lá..

E. Isso já depois em 64

S. Nunca nunca vi prenderem alguém ou discussão sobre isso

E. Agora tinham esses grupos de comunistas dentro da própria fábrica

S. Ah tinha grupinho sempre tinha

E. Como era a reação da própria fábrica, do Renner, da família em relação a isso a esse tipo de coisa né a política?

S. Sobre isso eles não interferiam em nada, eles não iam digamos fazer queixa...eles estavam reunidos lá e... comunismo ninguém queria então eles falavam entre eles só. Aquele pessoalzinho aquela turminha do Prestes. Não caiu nos ouvidos do chefe digamos, a gente nunca soube que chamassem alguém pra chamar a atenção que não queriam aquilo..

E. Duas coisas, uma é a questão da guerra, o que que o senhor lembra de de teve alguma influência que tipo de coisa que influenciou durante o período da guerra?

S. De 39 a 41?

E. 45

S. 45. Isso eu não sei responder nada

E. Não, nada de importante?

S. Não nada de importante que eu vá relatar alguma coisa que eu me lembre, não. Só queria que terminasse isso a coisa começou a ficar feia pra nós mesmos aqui no Brasil.

E. A situação econômica ficou difícil.

S. É barbaridade, as coisas começaram a faltar, o pessoal tinha medo né.

E. Que tipo de coisa que faltava?

S. Gêneros, isso começou a faltar, muita coisa. Quando não era a carne faltava o arroz ou tava pouco e começava a escassear

E. Não tinha como importar os gêneros

S. É não tinha, nós tivemos que mandar a nossa gente pra lá que foi morrer lá, tanta gente na na Europa..(?) estão enterrados muita gente centenas e centenas

E. E encareceu muito, por exemplo?

S. ...houve uma época que nada chegava por causa disso também, porque encarecia muito alto o preço faltava a gente não encontrava pra comprar, foi meio bravo foi difícil, foi difícil.

E. Uma outra coisa que eu ia lhe perguntar é assim, e como o senhor teve barco vai facilitar bastante, em termos de diversão, de formas de esporte, de lazer e tal o que que era na sua juventude, o que que era assim os tipos de lazer, esporte de o que o pessoal gostava?

S. Pra mim sempre foi o futebol, sempre foi o futebol

E. O futebol? E era muito forte assim, o senhor falou que o campo era do Gerdau?

S. Hahahã saia ali no campo era só pular a cerca e estava no campo, joguei dez anos só no clube do Gerdau.

E. No Clube do Gerdau?

S. É.

E. Era comum as fábricas terem times?

S. Ahhh tinham o Renner sempre tinha, sim foi até campeão.

E. O Gerdau também tinha, outras fábricas também tinham?

S. Todas, indústrias e engenhos de arroz tudo tinha time e jogavam justamente naquele campo ali, disputava campeonato, era o esporte o futebol justamente eu agradeço ao futebol porque o movimento que tinha no campo com o barzinho ali, o meu barzinho tinha Sábado e Domingo não podia entrar que era uma barbaridade de movimento os times vinham jogar, jogavam no Sábado, eu era muito fominha por bola jogava sábado de tarde, Sábado de manhã, Domingo de manhã, Domingo de tarde era uma loucura gostava de futebol, eu jogava tinha vaga eu já estava dentro era fanático.

E. Nesses times das empresas os próprios trabalhadores da produção participavam?

S. É, Exato, exato

E. E chegou, por exemplo do Renner saíram vários profissionais que se tornaram famosos? O Enio Andrade?

S. (?)Principalmente o Enio e outros mais... outros mais que eu não citei

E. Claro, claro, mas muitos saíram dali

S. Saíram do Renner

E. As empresas investiam muito nisso, mantinham o campo?

S. Sim, sim mas a própria Renner foi uma que eles fecharam (cachorro latindo muito alto) o futebol e eu estava saindo da fábrica (...?)o velho mandou fechar, ele ainda era vivo ainda mandou fechar: - termina com o futebol, não tem mais futebol. Fecharam mesmo. (...?) campeão do Estado.

E. Em relação à época da juventude a coisa assim de baile, festas como era a vida do bairro assim tinham muita?

S. Tinha, tinha nós tinha sociedades boas aí(...?)tem até hoje aí né Clubes de Regata, Vasco Da Gama

E. Outra coisa que tinha, esta questão da Regata era muito praticada como esporte?

S. Ah, sim claro eu nunca pratiquei o esporte, porque eu já remava(...)

E. E depois o que sobrava ia pro futebol?

S. É, eu cheguei a jogar até no aspirante do Renner eu cheguei a jogar no aspirante existe até hoje, mas naquele tempo nós tínhamos o.. naquele tempo o futebol era tinha o terceiro quarto, o segundo quarto e primeiro quarto... antes de entrarem mesmo pra primeira divisão pra disputar o campeonato mas o campeonato na Segunda, às vezes passava pra primeira divisão... gostava muito de esporte(...?) ser responsável pela primeira vários, vários, insistia muito.. Eu poderia..

E. Não, mas está ótimo muita..

S....e a gente esquece de muita coisa

E. Não mas o senhor lembra de muita coisa, na verdade a gente vai completando na conversa com várias pessoas..

S. É na conversa com outras pessoas.

E. Muito Obrigado.

Fim da entrevista realizada com Salvador Soares dos Santos.